

SHA - CÂMARA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS, LETRAS E ARTES ( ORAL )

NOME: WENDEL DE OLIVEIRA REZENDE

TÍTULO: IMAGENS DA MORTE: A IMAGINÁRIA RELIGIOSA DA SOCIEDADE MINEIRA NA REPRESENTAÇÃO DA MORTE PARA A VIDA ETERNA. ESTUDO DO ACERVO DE ARTE SACRA DA CÚRIA DIOCESANA DE CAMPANHA

AUTORES: WENDEL DE OLIVEIRA REZENDE

ORIENTADOR: PROFESSOR FRANCISLEI LIMA DA SILVA

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): FUNDAÇÃO CULTURAL CAMPANHA DA PRINCESA FACULDADES INTEGRADAS PAIVA DE VILHENA

PALAVRA CHAVE: IMAGENS DA MORTE

RESUMO

IMAGENS DA MORTE: A IMAGINÁRIA RELIGIOSA DA SOCIEDADE MINEIRA NA REPRESENTAÇÃO DA MORTE PARA A VIDA ETERNA. ESTUDO DO ACERVO DE ARTE SACRA DA CÚRIA DIOCESANA DE CAMPANHA

REZENDE, Wendel de Oliveira<sup>1</sup>; SILVA, Francislei Lima da<sup>2</sup>.<sup>1</sup> Estudante do curso de Filosofia, UEMG/Campus Campanha – MG.<sup>2</sup> Professor da UEMG/Campus Campanha – MG, mestrando em História pela UFJF.

ÁREA FAPEMIG: SHA

## 1. INTRODUÇÃO:

A temática fúnebre vem permeando as formas de representação artística há vários séculos e assumindo diferentes aspectos, como propõe Huizinga. Um período, todavia, marcaria profundamente a relação do homem ocidental com a temática da morte, que é, a saber, o final da Idade Média. Diante do mistério da morte encerrado na religiosidade cristã e com a grave crise moral da nobreza e do clero, os sentimentos para com o além-túmulo oscilavam entre o júbilo da alma que vai para o Céu – para o justo – e o lamento da perecibilidade e da danação – para o injusto. Um bom exemplo disso foi o surgimento da figura da “Danse macabre”, na França do séc. XIV, na qual a morte toma todos pela mão indistintamente, sejam bispos, nobres ou pobres servos.

No Brasil, a cultura funerária recebeu influências tanto da tradição ibérico-católica quanto dos costumes africanos trazidos pelos escravos. Desse modo, diversas práticas foram introduzidas no cotidiano da colônia brasileira para solenizar, ou melhor, para dar significação e alívio no momento temível da morte de alguém próximo. Dentre estes “ritos” para bem morrer, podemos citar a preparação por meio dos sacramentos da Extrema-Unção, Confissão e Eucaristia, a redação dos testamentos, as missas de “corpo presente” e em sufrágio da alma do falecido, o banho e a “vestição” do cadáver com mortalha de santo, os cortejos acompanhados de música, fogos de artifício, comida e bebida, os traslados solenes de membros de Irmandades, a devoção ao Senhor Morto e aos santos relacionados à passagem para o Além, como Nossa Senhora da Boa Morte e das Dores, São Miguel Arcanjo e o Anjo da Guarda, dentre outros.

A cidade de Campanha tem uma significativa importância histórica para o Sul de Minas Gerais, uma vez que foi o primeiro Arraial (1737), a primeira Freguesia (1738) e a primeira Vila (1798) da região. Por essa razão, o acervo iconográfico barroco inspirado nos temas da Paixão e Morte de Cristo e de santos, e a quantidade considerável de registros documentais de pessoas e Irmandades comprovam que na Freguesia da Campanha do Rio Verde de Santo Antônio do Vale da Piedade – assim como outras localidades do Brasil oitocentista – se realizavam “festas” fúnebres que aliviavam a dor dos familiares enlutados, e inseriam toda a comunidade local na dor e no sentimento de perda.

Era a morte “domesticada”, conforme definiu Ariès, em uma sociedade onde coabitavam vivos e mortos no local que servia de ponto de encontro, celebração da vida e de morada após a morte: a igreja. E se o ato religioso era mais do que público, os ritos fúnebres representavam uma manifestação social que deixou marcas consideráveis no imaginário religioso e barroco mineiro.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS:

Uma das fontes de pesquisa mais consideráveis sobre a temática da morte no Ocidente cristão da Idade Média até o século XVIII são, sem dúvida, os testamentos. Eles serviam para pedir a interferência de santos intercessores no momento em que a alma saísse do corpo; para deferir sobre os pormenores do funeral: quantidade de padres, quantas missas de corpo presente, etc.; para pedir missas pela própria alma e pela alma de parentes; para escolher o tipo de mortalha a ser usada e no esquife de qual Irmandade o corpo seria levado à sepultura; para especificar em qual igreja e onde dentro – ou fora dela – seria a sepultura; para reconhecer pecados passados – filhos bastardos, dívidas a serem pagas – e assim não deixar nada que pudesse “prender” a alma a este mundo. Há ainda outros registros, que variavam de acordo com os testadores. No acervo da Cúria Diocesana de Campanha, são encontrados dois livros de óbitos, respectivamente dos períodos de 1740-1765 e de 1790-1796, e no Centro de Memória do Sul de Minas, 5 livros de testamentos de 1819-1823, de 1838-1841, de 1846-1854, de 1854-1871, de 1872-1897. A leitura destes testamentos são um meio de captação de informações valiosíssimas sobre as formas de “bem morrer” da sociedade campanhense dos séculos XVIII e XIX.

No Museu Regional do Sul de Minas, em Campanha, aberto em 1992 graças a um acordo feito pela Diocese da Campanha e a Secretaria de Cultura da cidade, há um rico acervo de imagens barrocas dos séculos XVIII e XIX relacionadas ao tema da morte, do martírio e da Ressurreição. Todas são em madeira, e algumas têm estrutura de roca. E no acervo da Catedral Santo Antônio, estão as imagens de Nosso Senhor Morto, levada em esquife na Sexta-feira Santa, e de Nossa Senhora da Boa Morte, exposta aos fiéis no dia 15 de agosto (Festa da Assunção de Maria), como de costume nas cidades históricas de Minas Gerais. Ambas têm como data atribuída o século XVIII. Isso sem falar nos crucifixos do mesmo período, uns representando o Cristo Morto, outros em agonia de morte. A maioria de todas essas obras exercia função ritual na liturgia católica, ora ornando retábulos, ora participando de procissões demarcadas pelo calendário litúrgico ou pela Irmandade que

havia encomendado a escultura. Portanto, torna-se de fundamental importância a realização do estudo deste acervo, elaborando e/ou adequando suas fichas de inventário a fim de garantir a salvaguarda desse conjunto de bens móveis.

Segundo João José Reis, muitos africanos comuns e pobres de uma maneira geral, buscando solenizar suas mortes com honrarias que não tinham em vida, associavam-se a Irmandades na esperança de que, saindo triunfalmente do reino dos vivos, entrariam igualmente triunfantes no Além. Por este motivo, muitas Irmandades erigiam suas próprias igrejas, onde sepultavam seus mortos, ou compravam o direito de ter sepulturas dentro da Igreja Matriz. Na Cúria Diocesana de Campanha, existem os livros de registro das Irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte dos Homens Pardos, do Santíssimo Sacramento, da Ordem do Carmo, de Nossa Senhora das Mercês e de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Destas, apenas as duas últimas possuíam igrejas próprias. As demais enterravam seus membros dentro da Igreja Matriz de Santo Antônio. Os primeiros registros destes livros são desde 1745 a 1897, fazendo, dessa forma, um recorte considerável no período que se está pesquisando.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Para Goldberg, as transformações das atitudes do homem em relação à temática da morte são “extremamente lentas”, podendo até estar situada entre “longos períodos de imobilidade”. O mesmo autor alerta para o risco de incompreensão que se corre caso seja considerado um curto período histórico na análise de conjuntura do tema fúnebre.

No caso particular do Brasil e, conseqüentemente, de Campanha, idéias higienistas francesas chegariam após a Independência, principalmente graças ao empenho da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, fundada nos anos 1830, que passou a criticar a prática funerária dentro de igrejas. Os efeitos mais diretos dessas teses contrárias à costumeira convivência com cadáveres seriam o progressivo afastamento e temor dos vivos em relação aos mortos – e dos “eflúvios pestilenciais” que a decomposição de seus corpos poderia ocasionar. Assim, não obstante algumas resistências tenham ocorrido, como a Cemiterada baiana de 1835, aos poucos a tradição católica teve de aceitar a forma sanitária de cemitério, afastado da cidade, com jazigos familiares e covas individuais.

Em Campanha esta mudança também foi sentida de uma maneira muito notável: criou-se, na segunda metade do século XIX, o cemitério paroquial próximo de onde hoje se encontra a Capela de São Miguel Arcanjo. A Igreja Matriz teve seu assoalho trocado por um revestimento de pedra, no início do século XX. As Irmandades aos poucos encerraram suas atividades, e, devido ao lamentável estado de conservação, as Igrejas barrocas das Mercês e de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que antes abrigavam as sepulturas das respectivas Irmandades, foram demolidas. Muitos registros importantes dos séculos XVIII e XIX se perderam, pois, como afirmou Goldberg, “Todas as igrejas da cristandade latina, exceto talvez as da França iconoclasta, são museus vivos da biografia pessoal, da inscrição e do retrato”.

### 4. CONCLUSÃO:

A passagem do século XIX para o século XX, como afirmamos acima, produziu alterações profundas na maneira como o pensamento humano se posiciona diante do temível momento da morte. O extremado materialismo das sociedades industriais do século XX levou o homem a resistir – ainda mais – à idéia de apodrecimento de um ente próximo, e a ter pavor ao pensar no próprio apodrecimento. A morte perdeu – na maioria das sociedades atuais – o caráter de “domesticada”.

No entanto, mesmo diante da hostilidade e da negação do homem contemporâneo quando se trata de conceitos como “Além”, condenação, Purgatório e Inferno, muito do que os antepassados fizeram e pensaram continua presente, ainda que sob uma roupagem nova e secular. Nas palavras de Duby: “A vida prolonga-se depois da morte e os mortos estão sempre presentes (...). A morte é uma passagem, e essa passagem ocorre através de cerimônias”.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COELHO, Beatriz (org.). *Devoção e Arte: Imaginária Religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 124-125; 243-245

DUBY, Georges. *Ano 1000 ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: UNESP, 1999. p. 122-141.

GOLDBERG, Jacob Pinheiro. Prefácio: História de um livro que não tem fim. In: ARIËS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 9-19.

HUIZINGA, Johan. A imagem da morte. In: \_\_\_\_\_. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 221-245.

NEVES, Guilherme Pereira das Neves. Milagres do Cotidiano. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 4, n. 41, p. 18-23, fev. 2009.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte do Renascimento. In: \_\_\_\_\_. *O Significado nas Artes Visuais*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 31-47.

REIS, João José. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In: NOVAIS, Fernando; ALENCASTRO, Luiz Felipe de (orgs.). *História da Vida Privada no Brasil 2: Império: a corte e a emancipação nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 96-141.

\_\_\_\_\_. A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do séc. XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 73-170.